



Retrato idealizado de Rabelais (Frontispício original)

O PRIMEIRO LIVRO
A VIDA MUITO HORRÍFICA
DO
GRANDE GARGANTUA
PAI DE PANTAGRUEL

COLEÇÃO CLÁSSICOS COMENTADOS

Dirigida por

João Angelo Oliva Neto

José de Paula Ramos Jr.



Editor

Plínio Martins Filho

CONSELHO EDITORIAL

Beatriz Mugayar Kühl – Gustavo Piqueira
João Angelo Oliva Neto – José de Paula Ramos Jr.
Leopoldo Bernucci – Lincoln Secco – Luís Bueno
Luiz Tatit – Marcelino Freire – Marco Lucchesi
Marcus Vinicius Mazzari – Marisa Midori Deaecto
Paulo Franchetti – Solange Fiúza
Vagner Camilo – Wander Melo Miranda



Reitor

Antonio José de Almeida Meirelles

Coordenadora Geral da Universidade

Maria Luiza Moretti



CONSELHO EDITORIAL

Presidente

Edwiges Maria Morato

Alexandre da Silva Simões – Carlos Eduardo Ornelas Berriel
Carlos Raul Etulain – Cicero Romão Resende de Araujo
Dirce Djanira Pacheco e Zan – Iara Beleli – Marco Aurélio Cremasco
Pedro Cunha de Holanda – Sávio Machado Cavalcante

O PRIMEIRO LIVRO
A VIDA MUITO HORRÍFICA
DO
GRANDE GARGANTUA

PAI DE PANTAGRUEL

por
François Rabelais

Tradução, Introdução, Notas e Comentários

Élide Valarini Oliver

Ilustrações
Gustave Doré


Ateliê Editorial

EDITORIA UNICAMP

Copyright © 2021 Élide Valarini Oliver

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.02.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rabelais, François, ca. 1490-1553.

O Primeiro Livro. A Vida Muito Horrífica do Grande

Gargantua Pai de Pantagruel / François Rabelais;

tradução, introdução, notas e comentários Élide

Valarini Oliver; ilustrações Gustave Doré. – Cotia,

SP: Ateliê Editorial; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2021. –

(Coleção Clássicos Comentados)

Título original: *La Vie tres horrificque du grand Gargantua.*

ISBN 978-65-5580-054-8 (Ateliê Editorial)

ISBN 978-85-268-1520-9 (Editora da Unicamp)

I. FICÇÃO FRANCESA 2. RABELAIS, FRANÇOIS, CA.
1490-1553 – CRÍTICA E INTERPRETAÇÃO I. OLIVER, ÉLIDE
VALARINI. II. DORÉ, GUSTAVE. III. TÍTULO. IV. SÉRIE.

22-98244

CDD 843

Índices para catálogo sistemático:

I. Ficção: Literatura francesa 843

Eliete Marques da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9380

Direitos reservados a

ATELIÊ EDITORIAL

Estrada da Aldeia de Carapicuíba, 897

06709-300 – Granja Viana – Cotia – SP

Tel.: (11) 4702-5915

www.atelie.com.br | contato@atelie.com.br

facebook.com/atelieeditorial | blog.atelie.com.br

instagram.com/atelie_editorial

EDITORA DA UNICAMP

Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421

3º andar – Campus Unicamp

CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil

Tel.: (19) 3521-7718 / 7728

www.editoraunicamp.com.br

vendas@editora.unicamp.br

Printed in Brazil
Foi feito o depósito legal
2021

SUMÁRIO



CRONOLOGIA11
A TRADUÇÃO15
Edição do Texto15
Critérios da Tradução17
COMENTÁRIOS23
INTRODUÇÃO25
O Nome de Gargantua28
O Nascimento de Gargantua30
A Educação de Gargantua31
Evangelismo33
A Guerra Picrocolina34
Escatologia39
A Abadia de Thélème41

A VIDA MUITO HORRÍFICA DO GRANDE GARGANTUA PAI DE PANTAGRUEL

AOS LEITORES47
PRÓLOGO DO AUTOR49

Capítulo 1: DA GENEALOGIA E ANTIGUIDADE DE GARGANTUA	55
Capítulo 2: AS FANFRELUCHES ANTIDOTADAS ENCONTRADAS EM UM MONUMENTO ANTIGO	59
Capítulo 3: COMO GARGANTUA FOI COM ONZE MESES PARIDO DO VENTRE DE SUA MÃE	65
Capítulo 4: COMO GARGAMELLE ESTANDO GRÁVIDA DE GARGANTUA COMEU GRANDE QUANTIDADE DE TRIPAS	69
Capítulo 5: AS CONVERSAS DOS BEM BÊBADOS	73
Capítulo 6: COMO GARGANTUA NASCEU DE MANEIRA BEM ESTRANHA	81
Capítulo 7: COMO UM NOME FOI POSTO EM GARGANTUA E COMO SORVIA ELE VINHO	85
Capítulo 8: COMO FOI VESTIDO GARGANTUA	87
Capítulo 9: AS CORES E LIBRÉ DE GARGANTUA	93
Capítulo 10: O QUE É SIGNIFICADO PELAS CORES BRANCO E AZUL	97
Capítulo 11: DA ADOLESCÊNCIA DE GARGANTUA	101
Capítulo 12: OS CAVALOS FICTÍCIOS DE GARGANTUA	105
Capítulo 13: COMO GRANDGOUSIER CONHECEU O ESPÍRITO MARAVILHOSO DE GARGANTUA COM A INVENÇÃO DE UM LIMPA-CU	109
Capítulo 14: COMO GARGANTUA FOI APRESENTADO ÀS LETRAS LATINAS POR UM SOFISTA	115
Capítulo 15: COMO GARGANTUA FOI POSTO SOB OUTROS PEDAGOGOS	119
Capítulo 16: COMO GARGANTUA FOI ENVIADO A PARIS E SOBRE A ENORME JUMENTA QUE O LEVOU E COMO ELA DERROTOU AS MOSCAS BOVINAS DA BEAUCE	123
Capítulo 17: COMO GARGANTUA PAGOU SUA ACOLHIDA AOS PARISIENSES E COMO ELE TIROU OS GRANDES SINOS DA IGREJA DE NOTRE DAME	127
Capítulo 18: COMO JANOTUS DE BRAGMARDO FOI ENVIADO PARA RECOBRAR DE GARGANTUA OS GRANDES SINOS	133
Capítulo 19: A ARENGA DO MESTRE JANOTUS DE BRAGMARDO FEITA A GARGANTUA PARA RECOBRAR OS SINOS	135
Capítulo 22: COMO O SOFISTA LEVOU SEU PANO E COMO HOUVE PROCESSO CONTRA OS OUTROS MESTRES	139
Capítulo 21: O ESTUDO DE GARGANTUA SEGUNDO A DICIPLINA DE SEUS PRECEPTORES SOFISTAS	143
Capítulo 22: OS JOGOS DE GARGANTUA	147
Capítulo 23: COMO GARGANTUA FOI INSTRUÍDO POR PONOCRATES COM TAL DISCIPLINA QUE NÃO PERDIA HORA NENHUMA DO DIA	153

Capítulo 24: COMO GARGANTUA EMPREGAVA O TEMPO QUANDO O AR ESTAVA CHUVOSO	161
Capítulo 25: COMO OCORREU ENTRE OS FOGACEIROS DE LERNÉ E OS DA PROVÍNCIA DE GARGANTUA O GRANDE DEBATE DO QUAL FORAM FEITAS GROSSAS GUERRAS.	167
Capítulo 26: COMO OS HABITANTES DE LERNÉ, SOB O COMANDO DE PICROCOLE, SEU REI, ASSALTARAM DE SURPRESA OS PASTORES DE GARGANTUA . .	171
Capítulo 27: COMO UM MONGE DE SEULLY SALVOU O CLAUSTRO DA ABADIA DO SAQUE DOS INIMIGOS	175
Capítulo 28: COMO PICROLE TOMOU DE ASSALTO LA ROCHE-CLERMAULT, E O PESAR E A DIFICULDADE QUE TEVE GRANDGOUSIER EM COMEÇAR GUERRA .	183
Capítulo 29: O TEOR DA CARTA QUE GRANDGOUSIER ESCREVEU A GARGANTUA.	187
Capítulo 30: COMO ULRICH GALLET FOI ENVIADO A PICROCOLE	189
Capítulo 31: A ARENGA FEITA POR GALLET A PICROCOLE.	191
Capítulo 32: COMO GRANDGOUSIER PARA COMPRAR A PAZ FEZ DEVOLVER AS FOGAÇAS	195
Capítulo 33: COMO CERTOS GOVERNADORES DE PICROCOLE POR CONSELHO PRECIPITADO O PUSERAM EM DERRADEIRO PERIGO	199
Capítulo 34: COMO GARGANTUA DEIXOU A CIDADE DE PARIS PARA SOCORRER SEU REINO, E COMO GYMNASTE ENCONTROU OS INIMIGOS . . .	207
Capítulo 35: COMO GYMNASTE COM JEITO MATOU O CAPITÃO TRIPEIDO E OUTRA GENTE DE PICROCOLE.	211
Capítulo 36: COMO GARGANTUA DEMOLIU O CASTELO DE VAU DE VÈDE E COMO ELES PASSARAM O VAU	215
Capítulo 37: COMO GARGANTUA SE PENTEANDO FEZ CAIR DE SEUS CABELOS AS BALAS DE ARTILHARIA.	221
Capítulo 38: COMO GARGANTUA COMEU NA SALADA SEIS PEREGRINOS	225
Capítulo 39: COMO O MONGE FOI FESTEJADO POR GARGANTUA, E AS BELAS CONVERSAS QUE TIVERAM CEANDO.	231
Capítulo 40: POR QUE O MUNDO FOGE DOS MONGES E POR QUE UNS TÊM O NARIZ MAIOR DO QUE OS OUTROS	235
Capítulo 41: COMO O MONGE FEZ GARGANTUA DORMIR, E SOBRE SUAS HORAS E BREVIÁRIO	239
Capítulo 42: COMO O MONGE DEU CORAGEM AOS COMPANHEIROS E COMO PENDUROU-SE EM UMA ÁRVORE	243
Capítulo 43: COMO A ESCARAMUÇA DE PICROCOLE FOI ENCONTRADA	

POR GARGANTUA E COMO O MONGE MATOU O CAPITÃO ATRAVANTE, E DEPOIS FICOU PRISIONEIRO ENTRE OS INIMIGOS.	247
Capítulo 44: COMO O MONGE SE DESFEZ DE SEUS GUARDAS E COMO A ESCARAMUÇA DE PICROCOLE FOI DESFEITA	251
Capítulo 45: COMO O MONGE LEVOU OS PEREGRINOS E AS BOAS PALAVRAS QUE LHES DISSE GRANDGOUSIER	255
Capítulo 46: COMO GRANDGOUSIER TRATOU HUMANAMENTE FANFARRON PRISIONEIRO	259
Capítulo 47: COMO GRANDGOUSIER MANDOU BUSCAR SUAS LEGIÕES E COMO FANFARRON MATOU PRECIPITOSO E FOI ELE MESMO MORTO POR ORDEM DE PICROCOLE.	263
Capítulo 48: COMO GARGANTUA ATACOU PICROCOLE DENTRO DE LA ROCHE-CLERMAUT E DERROTOU O EXÉRCITO DO DITO PICROCOLE.	267
Capítulo 49: COMO PICROCOLE FUGINDO FOI SURPREENDIDO POR MÁ FORTUNA E O QUE FEZ GARGANTUA DEPOIS DA BATALHA	271
Capítulo 50: O DISCURSO QUE FEZ GARGANTUA AOS VENCIDOS	275
Capítulo 51: COMO OS VITORIOSOS GARGANTUÍSTAS FORAM RECOMPENSADOS DEPOIS DA BATALHA	279
Capítulo 52: COMO GARGANTUA FEZ CONSTRUIR PARA O MONGE A ABADIA DE THÉLÈME	283
Capítulo 53: COMO FOI CONSTRUÍDA E DOTADA A ABADIA DE THÉLÈME	287
Capítulo 54: INSCRIÇÃO POSTA ACIMA DA GRANDE PORTA DE THÉLÈME	291
Capítulo 55: COMO MORAVAM OS THELEMITAS.	295
Capítulo 56: COMO SE VESTIAM OS RELIGIOSOS E RELIGIOSAS DE THÉLÈME.	299
Capítulo 57: COMO SE REGRAVAM OS THELEMITAS EM SUA MANEIRA DE VIVER	303
Capítulo 58: ENIGMA EM PROFECIA.	307
BIBLIOGRAFIA.	313

C R O N O L O G I A

- 1483? 1494? – Nascimento de Rabelais.
- 1510-1526 – Rabelais monge. Muda-se para Fontenay-le-Comte.
- 1520 – Rabelais frade franciscano, escreve a primeira carta (perdida) a Guillaume Budé, eminente humanista.
- 1521 – Segunda carta de Rabelais a Guillaume Budé, que responde.
- 1523-24 – Rabelais e Pierre Amy têm os livros em grego confiscados pelos franciscanos. Rabelais traduz Heródoto e Luciano, para o latim, foge dos franciscanos e se torna beneditino.
- 1524-1526 – Rabelais beneditino em Saint-Pierre-de-Maillezais, sob o patrocínio de Geoffroy d'Estissac.
- 1526-1530 – Rabelais deixa a região de Poitou e estuda medicina em Paris. Seus dois filhos nascem, François e Junia, cuja mãe é uma viúva residente nessa cidade. Em setembro de 1530 Rabelais se matricula na faculdade de Medicina de Montpellier e em dezembro se torna bacharel em Medicina. Rabelais permanece nessa cidade até 1532.
- 1532 – Rabelais dedica sua edição de *Epistolae Medicinales* de Manardi, médico italiano, a André Tiraqueau, jurista e amigo de juventude. O livro é publicado em Lyon por Sebastian Gryphius. A primeira edição do *Pantagruel* sai em Lyon por Claude Nourry. Rabelais escreve a Erasmo. Neste mesmo ano sai a *Pantagrueline Prognostication* para o ano de 1533.

- 1534 – Rabelais parte para Roma em janeiro com o (então) bispo Jean du Bellay. Seria este o ano em que Rabelais publicou pela primeira vez *Gargantua*? A primeira edição sai sem data. De volta a Lyon em abril revisa o *Pantagruel*. Publica outra *Pantagrueline Prognostication* para o ano 1535. Torna-se médico do Hôtel-Dieu. Dedica a *Typographia Romae* a Jean du Bellay. Em outubro dá-se o *Affaire des Placards* (v. abaixo e notas).
- 1535 – Morte do pai de Rabelais, Antoine, nascimento do filho Théodule (servo de Deus, em grego) com outra mulher, talvez em Lyon, e que só viverá dois anos (segundo seu epitáfio escrito pelo poeta Jean de Boyssoné). Expições em público se dão, e queima de heréticos. Jean du Bellay nomeado cardeal, parte para Roma acompanhado de Rabelais. Segunda edição do *Gargantua*.
- 1535-36 – Rabelais consegue perdão do papa por apostasia, o que o transforma em padre secular. Em 1536 a França ocupa o Piemonte e Jean du Bellay é nomeado tenente-governador de Paris.
- 1537 – Rabelais em Montpellier passa de bacharel a licenciado em medicina e depois Doutor em Medicina. Guillaume du Bellay, irmão de Jean, se torna governador do Piemonte.
- 1540 – Os dois filhos restantes de Rabelais são, após requerimento, considerados legítimos pela cúria papal. Entre 1540 e 1542, Rabelais no Piemonte com Guillaume du Bellay.
- 1542 – Rabelais em Turim com Guillaume du Bellay. Guerra entre Carlos v e Francisco I. Guillaume du Bellay doente, inclui Rabelais dentre os beneficiários de seu testamento.
- 1543 – Guillaume du Bellay morre em janeiro. Rabelais acompanha o corpo até Le Mans. *Gargantua e Pantagruel* na lista dos livros censurados pela Sorbonne. Geoffroy d'Estissac morre.
- 1545 – François Bribart, secretário de Jean du Bellay é queimado por heresia. Acontece o massacre de Vaudois (v. nota no texto). Sai o catálogo dos livros proibidos. Em 19 de setembro, Francisco I concede um privilégio de publicação para o *Terceiro Livro*.
- 1546 – O *Terceiro Livro* é publicado por Christian Wechel. Tiraqueau republica seu livro sobre leis e elimina qualquer referência a Rabelais. Rabelais foge para Metz, cidade livre do Sacro Império Romano-Germânico. Etienne Dolet, ex-amigo de Rabelais, é queimado como herege. O *Terceiro Livro* é censurado.
- 1547 – Jean du Bellay nomeado para posto em Roma por Henrique II, Rabelais se reúne a ele.

- 1548 – Rabelais desconta um cheque em Roma. Edição parcial do *Quarto Livro* por Pierre de Tours em Lyon. Festividades em Roma para comemorar o nascimento do filho do rei da França, Luis de Orléans, que viveria apenas um ano. Rabelais as descreve na *Sciomachie*.
- 1549 – Jean du Bellay deixa Roma. Provavelmente Rabelais o acompanha.
- 1550 – Rabelais em Saint-Maur com Jean du Bellay encontra-se com o Cardeal Odet de Châtillon, que lhe obtém um novo privilégio de publicação do rei Henrique II. Rabelais recebe dois benefícios como cura de Meudon e Saint-Christophe-du-Jambet, mas não reside em nenhum dos dois lugares.
- 1552 – O *Quarto Livro* é publicado por Michel Fezandat em Paris, que também publica a revisão do *Terceiro Livro*. O livro é prontamente condenado pela Sorbonne e o Parlamento de Paris proíbe sua venda. Correm rumores de que Rabelais foi acorrentado e levado à prisão. Pouco depois, a proibição de venda é suspensa e o livro conhecerá várias edições.
- 1553 – Rabelais renuncia aos dois benefícios. Morte de Rabelais.

A TRADUÇÃO

EDIÇÃO DO TEXTO

O texto da tradução é o da edição de Mireille Huchon, com colaboração de François Moreau das *Œuvres complètes*¹. Esta edição anotada estabelece o texto da obra a partir das publicações de François Moreau. Foi seguido o texto das últimas edições impressas que haviam sido revistas pelo autor, em 1542, e publicada em Lyon².

A partir desta edição, estabelecemos o texto em português seguindo critérios de legibilidade para o leitor atual implicando:

Formatação. Parágrafos, pontuação, diálogos, maiúsculas, minúsculas. Seguimos o critério moderno de pontuação e separação de parágrafos para

1 *Œuvres Complètes de François Rabelais*, edição Mireille Huchon em colaboração com François Moreau, Paris, Gallimard, 1994. Coleção Pleiade.

2 François Juste publica pela primeira vez os dois livros juntos, *Gargantua e Pantagruel*, e ambos os livros são imediatamente condenados pela Sorbonne. O *Terceiro* e o *Quarto livro* haviam sido revistos e corrigidos pelo autor, usando um sistema de ortografia criado por ele mesmo e que Rabelais chamava de *censure antique*. Tinham sido impressos por Michel Fezandat em caracteres romanos. Mas as edições de *Gargantua e Pantagruel* foram compostas em caracteres góticos por Juste e postas à venda em 1542, sem que Rabelais acompanhasse a impressão. Rabelais havia anotado um exemplar da edição Harsy, de 1537, publicada em caracteres romanos. A edição de Juste suprimiu as modificações ortográficas de Rabelais, acentos e apóstrofes. A edição Huchon introduz pequenas modificações tal como a reintrodução das cedilhas e travessão nos diálogos, para facilitar a leitura do texto.

melhor legibilidade. O texto da edição Huchon reproduz o livro como havia sido publicado em 1542, em sua segunda edição, com leves modificações atendendo às necessidades de clareza e compreensão, tal como a introdução de travessão para os diálogos e reintrodução das cedilhas. Levando-se em conta as dificuldades já apresentadas por Rabelais quanto a vocabulário, morfologia e sintaxe (para não dizer nada sobre o contexto de sua obra), seria um exagero de pedantismo reproduzir nesta tradução o fac-símile da edição de 1542 neste pormenor. A edição de Boulenger, também para a Pleiade (1955), havia ajustado a formatação do texto para as normas de pontuação e separação de parágrafos, mas sua intervenção, sobretudo no que diz respeito à separação dos parágrafos, nos parece por demais “ordenada”, de maneira que tal “clareza” não combina muito com o autor. A edição de Pierre Jourda oferece algumas pequenas modificações de caráter geral, mas tende a seguir as normas de separação de parágrafos atuais.

Em nossa edição, procuramos seguir uma formatação que mudasse o mínimo o texto original, mas que ao mesmo tempo facilitasse visualmente a percepção do leitor. Para isso, formatamos o necessário quanto aos parágrafos. Na pontuação introduzimos ponto e vírgula; e para a indicação de diálogo, o travessão, separando-o, entretanto do corpo do texto. Eliminamos as aspas de início de parágrafo. Eliminamos os parênteses que algumas vezes indicam no texto em francês o falante. Assim:

– *Mais (dist Gargantua) divinez combien [...]*

Em nossa tradução passa a:

– Mas, disse Gargantua, adivinhe quanto [...]

A questão da pontuação e parágrafos era arbitrária à época de Rabelais. Era comum o uso dos dois pontos [:] para a separação de sentenças. Os dois pontos foram, então, substituídos segundo as necessidades atuais de pausa: vírgula, ponto e vírgula, ponto final. Foram acrescentados pontos de exclamação onde necessário.

Foram preservados os termos em itálico no texto, que estão em itálico no original. Alguns poucos itálicos foram introduzidos, sempre com notas explicativas. O título dos capítulos, na edição Huchon, também está em itálico.

A tradutora introduziu alguns termos em itálico para pôr em relevo jogos de palavras de difícil equivalência no português, mas que graças a este recurso visual se tornam compreensíveis sem distanciar o leitor do universo semântico original.

CRITÉRIOS DA TRADUÇÃO

O critério geral desta tradução é o da fidelidade, e junto com ela, o intuito de prover acesso à linguagem e ao mundo de Rabelais. Portanto, esta tradução busca imitar o uso da linguagem do autor, e a maneira como tal linguagem expressa uma perspectiva que é única, exclusiva do autor: sua maneira de ver o mundo, de apreendê-lo, de defini-lo segundo termos próprios e segundo sua experiência.

A linguagem então assume um duplo aspecto: ao descrever o mundo, também descreve o modo com que Rabelais o vê. A junção das duas coisas é o que chamamos de *estilo*. E tal estilo se manifesta na escolha do vocabulário, na variação lexical dos sufixos, nas formas preferidas de sintaxe, na escolha dos tempos verbais etc. Para tanto, damos a seguir, com mais detalhes, nossos critérios.

Nomes próprios gregos e latinos. Seguimos a norma mais comum em português, quanto a nomes mais citados ou conhecidos, como Platão, Aristóteles, Plauto, Plínio, Plutarco, Cícero. Entretanto, mantivemos em latim alguns dos menos citados. O aportuguesamento generalizado tende a borrar as diferenças, eliminar, por falsa assimilação, um mundo que é em larga medida inassimilável. Que sejam bem-vindos os *w, y, th, ll, ff, tt, ü, ï* etc.

A tradução de nomes de reis e de papas se, por um lado, facilita identificações que já foram cristalizadas pelo uso, por outro, mal esconde uma tendência paroquial que nos encerra dentro de nossos próprios horizontes linguísticos e culturais. Se tudo deve ser traduzido, nada sobra de estranho ou de estrangeiro que nos faça questionar o recorte supostamente natural de nossa relação linguística com o que nos rodeia.

Já perdemos, com todas as “reformas” que a língua portuguesa passou, em nossa escrita, o fundamental cordão umbilical que nos liga aos radicais gregos e latinos. A subordinação da escrita à fonética (tarefa impossível pois o falar muda segundo registros, lugares e tempo) nos alienou de nossas origens linguísticas. Não apenas perdemos a delícia visual do *ph*, do *y*, do *th*, das letras duplas, *ll*, *tt*, que nos indicavam e lembravam as origens de nossa língua, mas também nos deixou em desvantagem. Teríamos maior facilidade com o aprendizado do francês, do inglês e de outras línguas se as tivéssemos conservado.

Dessa maneira, talvez até admitindo uma subversão contra essa simplificação que nada simplificou, buscamos recuperar e tornar a acostumar o leitor às origens de sua própria língua, ainda que com tímidos exemplos, nesta tradução.

Nomes próprios de pessoas reais em Rabelais. Mantivemos todos os nomes de pessoas reais, porém na grafia francesa atual. Trata-se de uma mera atualização de ortografia. Esta não era regulamentada na época de Rabelais e por mais que o au-

tor fizesse questão de empregar um sistema ortográfico que lhe parecesse o mais correto, tal escolha dependia dos editores, e cada um, praticamente, tinha uma forma de fazê-lo. Mesmo assim, Rabelais criou um sistema que denominou de *censure antique*, mas que não foi aplicado nas edições do *Gargantua e Pantagruel*.

Pronomes de tratamento. As formas de tratamento empregadas por Rabelais são o *vous* (formal, e também a forma plural de tu) e o *tu* (informal). Em português, aproveitando a riqueza das possibilidades de nossos múltiplos usos, estamos traduzindo segundo o contexto. Se há uma área segura em que uma tradução pode acrescentar algo ao original é esta. Entre Gargantua e seus companheiros, usamos o *vocês*, em vista da amizade e proximidade do grupo. Nas relações formais, dependendo da relação hierárquica e do contexto, empregamos o *senhor*, o *tu* e o *vós*. Este último representa, como de hábito, a hierarquia mais formal (presente em trechos da Bíblia, por exemplo). Essa sutil diferenciação, possível no português, assinala também de maneira mais clara a ironia muitas vezes implícita em seu uso.

Particularmente os capítulos 19 e 20, contando a negociação para a devolução dos sinos da Catedral de Notre Dame e a arenga de Mestre Janotus de Bragmardo, demonstram o realce ao texto permitido pelo uso dos registros entre *vós*, *tu* e *vocês*. Janotus usa o formal *vós* para com o grupo de Gargantua, o *tu* para seu subordinado, e quando os teólogos da Sorbonne lhe roubam os presentes que Gargantua lhe havia oferecido, desmascarando-os, trata-os por *vocês*.

Topografia e toponímia. Foram atualizadas as denominações topográficas, nomes de regiões, cidades, aldeias, localidades geográficas reais, exceto se algumas dessas se inserem num contexto de ambiguidade proposital por parte do autor, ou se são parte de algum jogo de palavras.

Quanto à topografia fictícia, seguimos a ordem morfológica rabelaisiana, respeitando as desinências do autor e traduzindo-as para os seus equivalentes em nossa língua.

Nomes próprios fictícios. A cada grupo, aplicamos uma regra segundo as necessidades do texto e do contexto. Assim,

- a) Nomes próprios criados por Rabelais a partir do grego, foram mantidos no original na maioria dos casos, sobretudo se tais nomes ocorrem ao longo de toda a obra rabelaisiana. Não apenas o autor tinha um firme, conhecido e reputado conhecimento dessa língua, mas a empregava criativamente, como é o caso dos nomes de seus personagens. Traduzir *Gymnaste* por Ginasta, por exemplo, implicaria lançar associações anacrônicas que não são pertinentes à criação deste nome pelo autor. *Gymnaste* encarna o ideal de *corpore sano*,

o que vai juntamente com a *mens sana*, e não está exclusivamente ligado à prática de exercícios físicos. Além disso, vale lembrar que a terminação em *e* ocorre em bom número de palavras vindas do grego em português: estrofe, sinopse, métope, epístrofe, epígrafe, diálise etc.

- b) Exceções estão explicadas nas notas ao texto. *Picrochole* foi traduzido por *Picrocole*, dada a associação imediata com *coléra* e *colérico*, do grego *cholé*, bile.
- c) Também foram traduzidos nomes fictícios cujo sentido em francês era facecioso e de imediata apreensão para o leitor contemporâneo de Rabelais. Em todos estes casos, oferecemos a versão original rabelaisiana e nossa proposta de tradução. Tais nomes de personagens ocorrem *ad hoc*, muitas vezes uma só vez na obra.
- d) Foram preservados em francês todos os nomes originais de personagens principais e secundários recorrentes nas obras.

O uso de *maiúsculas* e *minúsculas* também é problemático, visto que as edições de Huchon e as outras diferem. Dado o platonismo de alguns trechos rabelaisianos, e no caso de *Gargantua*, como um crítico aponta, o maniqueísmo presente na obra, preservamos a maiúscula quando esta tem valor universal, ligando-se à Ideia platônica ou às forças do Bem e do Mal segundo Mani. Deus e Diabo, vêm tanto em letra maiúscula quanto minúscula, em Rabelais, dependendo do contexto. Quando se trata do Diabo, será o *Diabo*, quando o sentido é figurado, será *diabo*. As edições Boulenger e Jourda tendem a seguir mecanicamente a norma que reflete, no fundo, valores cristãos, de grafar *Deus* como maiúscula e *diabo* sempre em minúscula. Mesmo assim, não se pode afirmar com certeza se Rabelais estaria fazendo tal diferença. É possível que não.

Ortografia. Como dito acima, não havia sistema ortográfico uniforme, mas Rabelais buscou elaborar um sistema etimológico de volta à língua original, por exemplo grafando *dipner* e *ecclesia* a partir do grego. Elaborando formas gramaticais e ortográficas, Rabelais criou o que chamou de *censure antique*, mas como dito acima, tal sistema não foi respeitado pelo impressor. Evidentemente, numa tradução, isto se perde, a não ser quando é possível usar da mesma lógica rabelaisiana no contexto existente da língua portuguesa (ver nota sobre nomes próprios).

Morfologia. É neste aspecto que Rabelais contribui com sua riqueza vocabular para o enriquecimento da língua francesa. Muito se escreveu sobre este tema e em nossas notas ao texto há vários comentários quanto à morfologia e etimologia dos termos que o autor emprega. A tradução seguiu criteriosamente a invenção vocabular de Rabelais quanto à formação das palavras, respeitando as desinências de

suas formas adjetivais, adverbiais, ou substantivas, que marcam tão bem o estilo inconfundível do autor. *Horrificque* vira horrífico/a; *sustantificque*: substantífico etc.

Vocabulário. Buscamos *consistência* vocabular, pois parte do estilo rabelaisiano se dá na escolha vocabular. Para tanto, o critério foi da *manutenção ao máximo do parentesco etimológico* entre o francês de Rabelais e o português. Alguns termos usados por Rabelais são hoje arcaicos em francês mas continuam usados no português como *aguilhão*, *molestar*, *esfacelar*, *deslocar* etc. Por outro lado, há uma infinidade de *falsos cognatos* que constituem o pesadelo do tradutor, a começar pelo título da obra, anunciando a vida *horrificque* de Gargantua, que significa *extraordinária*; mas também *imbécile*: fraco; *stupide*: insensível; *laid(e)*: horrível, funesto(a); *vocation*: profissão; *resveux*: delirante; *modéstie*: moderação; *candide*: benevolente; *monstrueux*: prodigioso; etc.

Para preservar a riqueza vocabular do autor, buscamos, como dito acima, permanecer na mesma árvore etimológica. Se Rabelais escreve o verbo *inhumer*, ao português corresponde *inumar* e não *enterrar*. *Inumar* pertence à norma elevada, ou *sermo nobilis*, bem como a escolha do termo *inhumer* por Rabelais, que poderia ter escrito *enterrer* se assim quisesse. Neste caso, a escolha se justifica ainda mais tendo-se em conta o contexto no qual o verbo foi aplicado: o narrador busca demonstrar a nobreza de Gargantua ao enterrar os inimigos com honra. O mesmo cuidado deve ser exercido quando Rabelais usa termos do *sermo humilis*³ em contextos formais, para criar humor: *Bebedores muito ilustres, e vós, sífilíticos muito apreciados*; quando introduz termos de baixo calão, ou paronomásias. Tal diretriz etimológica foi aplicada ao longo de toda a tradução. Evitam-se assim tentações comuns à prática da tradução que são, em vez de traduzir, parafrasear o texto para “facilitar a compreensão” do leitor, ou usar de interpolações, introduzindo no texto trechos “explicativos” que a ele não pertencem.

Rabelais exige muito de seus leitores, e uma tradução que não se queira traição, versão, ou paráfrase, deve confiar no autor.

Toda intenção de esclarecimento, explicação e facilitação da compreensão pertence ao material suplementar de leitura: os comentários e as notas.

Vale também lembrar ao leitor que a leitura de uma tradução de Rabelais oferece-lhe uma oportunidade de mergulhar na riqueza de sua própria língua materna, conjurando das páginas dos dicionário, palavras e expressões que de outra forma jazeriam ali esquecidos.

3 Estamos empregado aqui a terminologia de Erich Auerbach em *Literary Language & Its Public in Late Latin Antiquity and in the Middle Ages*, Princeton, Princeton UP, 1958